

O LIVRO DO TENENTE ALEMÃO

Paulo Pitaluga Costa e SILVA

De há muito tempo que historiadores, cronistas, religiosos, viajantes e militares, vêm se dedicando e escrevendo sobre a temática mato-grossense. Suas observações, viagens, expedições e crônicas constituem hoje um precioso acervo informativo do passado de Mato Grosso, tornando-se importante fonte de pesquisa bibliográfica, o que enriquece sobremaneira a nossa história, geografia e etnologia.

No século XVI conquistadores espanhóis, subindo o rio Paraguai a partir de Assunção, chegaram a penetrar terras hoje mato-grossenses. Descreveram essas suas impressionantes aventuras e experiências através de crônicas que, sobrevivendo aos séculos, hoje dão um excelente retrato da região do pantanal e rio Paraguai no primeiro século de conquista da América espanhola.

Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, em 1542, D. Fernando de Ribera, em 1543, Domingo Martinez Irala, em 1544, Antonio Rodrigues, em 1553 e Ulrich Schmidl, em 1560, foram os cronistas quinhentistas que primeiro contaram as suas aventuras em terras hoje de Mato Grosso.

Há que se notar que Cabeza de Vaca, com o seu *Naufrágios e Comentários* e D. Hernando de Ribeira, com o seu *Relato*, tiveram os seus respectivos trabalhos editados em 1555, sendo, portanto, a primeira vez que se editou um livro que abrange descrições de uma região que seria séculos depois o estado de Mato Grosso.

Ulrich Schmidl, teve a sua *Vera Historia Admirandae Cuiusdam Navigationis* publicado em 1599, em latim.

Assim vemos que ainda no século XVI iniciou-se a edição de livros com temática hoje mato-grossense.

Já no século XVIII, tivemos 4 Relações sobre Cuiabá e Mato Grosso, sendo 3 de autores anônimos e 1 de um certo Caetano Paes da Silva. Todos opúsculos editados em Lisboa, sendo 3 em 1754, e 1 em data indefinida, mas, tudo indica, em meados desse mesmo século.

No século XIX, a produção de temas mato-grossenses aumentou bastante, começando ainda nas primeiras décadas desse século.

Em 1825, Luís d'Alincourt lança o seu livro *Memória sobre a viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá*, editado pela Tipografia Imperial, com a 1ª edição nessa data, e em 1830 a sua 2ª edição. Esse livro tem alguns méritos a parte. Primeiro, com 198 páginas, trata-se realmente de um livro, e não um simples opúsculo como as *Relações* do século XVIII. Depois, trata-se de uma produção literária escrita em Cuiabá, pois o seu autor aqui residia por essa época. Finalmente, é o primeiro trabalho publicado com tema inteiramente mato-grossense, pois descreve a viagem empreendida desde Santos até a capital da província de Mato Grosso. Todavia, há que ressaltar, esse trabalho de d'Alincourt foi editado no Rio de Janeiro.

No decorrer do século XIX, com a instalação da primeira tipografia em Cuiabá, essa capital se equipou tecnicamente para a edição dos trabalhos que aí fossem produzidos. A partir 1839 passou-se a editar o primeiro jornal impresso em Mato Grosso, o *Themis Mato-grossense*. E pelas décadas seguintes do século passado, editou-se folhetos, opúsculos, relatórios de presidentes da Província e ainda, relatórios e balanços financeiros e de ensino. Realmente, a partir dos anos 40, com a introdução da tipografia, Mato Grosso passou a ser auto-suficiente na edição de pequenos trabalhos aqui produzidos. Geralmente relatórios administrativos em sua maioria. Um avanço excelente para a época.

Entretanto, exceto o jornal e esses opúsculos e livretos institucionais, nada de relevante essa primeira tipografia pode editar.

O Barão de Melgaço, João Augusto Caldas e outros intelectuais de Mato Grosso, que desde meados desse século já produziam obras de certo vulto, jamais editaram em Cuiabá esses seus originais inéditos. Falta de recurso financeiro ou mesmo desinteresse de intelectuais desprendidos? O Barão de Melgaço ainda no século XIX, publicou trabalhos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Por incrível que pareça, esse extraordinário personagem da história mato-grossense até hoje tem

trabalhos de sua lavra totalmente inéditos. Por essa talvez negligência ou mesmo desinteresse, alguns manuscritos originais desses pesquisadores se perderam na poeira dos tempos.

LUIZ PERROT

Muito pouca coisa a história deixou registrada sobre esse militar. Nasceu na Alemanha em 14 de agosto de 1845, na região de Frankfurt, sendo descendente de família de imigrantes franceses. Chegou ao Brasil em 1865, provavelmente na região sul do país. Sentou praça no exército em 1867 e combateu na Guerra do Paraguai. Promovido a Alferes em 1877 e a tenente em 1890. Faleceu em local desconhecido a 16 de dezembro de 1893, provavelmente vítima das febres contraídas nos sertões de Mato Grosso. No Almanaque Militar de 1894, seu nome ainda constava como tendo o posto de tenente. Em 1895, seu nome já não mais estava relacionado no referido almanaque.

Estando em Cuiabá servindo no 8º Batalhão de Infantaria como alferes, foi designado pelo Vice-Presidente da Província de Mato Grosso, José Joaquim Ramos Ferreira, para acompanhar com escolta armada a expedição alemã ao Xingu, chefiada pelo Dr. Karl von den Steinen, certamente por falar fluentemente o alemão. A sua escolta era composta de 4 praças. Engajado nessa expedição, adentrou aos sertões com os cientistas alemães, fazendo levantamentos e explorações no rio Xingu por 5 meses, contatando as tribos indígenas dessa região.

No seu retorno à capital mato-grossense escreveu um relatório dessa viagem ao novo Presidente da Província, o coronel Francisco Rafael de Mello Rego, datado de 6 de abril de 1888.

Esse relatório foi transformado em pequeno livro e devidamente publicado em 1888. E esse foi o primeiro livro a ser dado a prelo em Cuiabá, que não opúsculo institucional. Trata-se de *Roteiro e Notícia da Expedição Alemã em 1887 às Cabeceiras do Xingu*, editado e impresso pela tipografia do jornal cuiabano *A Situação*.

E essa publicação sempre foi um fato intrigante. Por que esse livro foi o primeiro a ser editado em Cuiabá? Com tantos autores de renome, como o Barão de Melgaço, que exercera por várias vezes a Presidência da

Província e com uma produção abundante de temas importantes para a época, porque logo o relatório de Perrot?

Como conseguiu o tenente alemão ser o autor do primeiro livro editado em impresso em Cuiabá?

MARIA DO CARMO DE MELLO REGO

Essa senhora chegou a Cuiabá em novembro de 1887, acompanhando o seu marido, nomeado Presidente da Província de Mato Grosso. Consta que tinha 24 anos tão somente quando chegou à capital mato-grossense. Se isso for correto, foi a mais jovem primeira dama do estado. Inteligente e culta, foi uma atenta observadora dos fatos e pessoas que a rodeavam. Cuiabá e Mato Grosso a fascinaram. Com gosto para as coisas culturais, pode deixar escrito várias pequenas obras, porém importantes para o estudo etnográfico de Mato Grosso no século XIX. A jovem primeira dama escreveu sobre índios, principalmente, o que parece ter sido a grande matéria de seus estudos e tema de suas preocupações.

Por outro lado em bibliografia de Mato Grosso, encontramos dados referentes à D. Maria do Carmo, dando-a como nascida na Estância de Lencho, Departamento de Cerro Largo, no Uruguai, em cerca de 1840. Se os dados forem corretos, a escritora tinha 47 anos ao chegar a Cuiabá, não sendo tão jovem assim, conforme acima nos referimos.

Permaneceu em Mato Grosso de novembro de 1887 até fevereiro de 1889, quando o seu marido entregou a Presidência da Província de Mato Grosso a seu substituto, o advogado Antonio Herculano de Souza Bandeira.

Nesse período de sua permanência, 1 ano e quase 3 meses, muito pode ela aprender sobre Mato Grosso e seus habitantes. Chegou a participar de uma viagem fluvial de Cuiabá até Cáceres. Desceu de lancha o rio Cuiabá até o São Lourenço, e deste, subindo o rio Paraguai, navegou até a cidade de São Luís de Cáceres, acompanhando comitiva governamental de seu marido.

De sua estada em Mato Grosso, colecionou notícias, informações, pesquisas e anotou observações que redundaram na produção

de cinco trabalhos publicados no século XIX e um último, na revista do Centro Mato-grossense de Letras, em 1929:

1 - *Rosa Bororo*. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro: tomo II, 1895

2 - *Índios de Mato Grosso - Os Bororo Coroados*. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro: tomo III, 1895

3 - *Lembranças de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1897

4 - *Artefatos indígenas de Mato Grosso*. *Arquivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: v. X, 1899

5 - *Guido*. Rio de Janeiro: s.n.t.

6 - *Curupira - Lenda Cuyabana*. *Revista do Centro Mato-grossense de Letras*, Cuiabá: v. 15, 1929

Esses seis trabalhos retratam muito do que observou e do que aprendeu acerca de quotidiano social, da etnologia indígena e das tribos mato-grossenses.

Em se lendo o trabalho *Artefatos indígenas de Mato Grosso*, constata-se um fato interessante. A amizade entre a primeira dama, o tenente alemão Luís Perrot e ainda o chefe da comissão alemã do Dr. Karl von den Steinen, fica patente em vários trechos do trabalho da escritora.

"... explicou-me o Tenente Perrot o facto do seguinte modo..."

"Entre alguns paricis que o Presidente mandou chamar à Cuyabá, para satisfazer o pedido da Comissão Alemã e que não compreendiam o portuguez..."

"Quem me presenteou com os objectos vindos do Xingu, assim como dos do Coliseu, foi o Tenente Perrot, que acompanhou a Comissão Alemã ... "

"Ao lembrar a ida da Comissão Alemã ao Xingu, ainda sinto no meu coração de brasileira o pezar que experimentei ao admirar a esplêndida collecção de artefactos ... "

"Quando, de volta à Cuyabá, contei o que vira e mostrei ao Dr. Von den Steinen o meu achado e elle classificou-o de precioso. "

"Tanta importância ligava o Dr. Von den Steinen àquella descoberta, que ao chefe da nova Comissão, actualmente em Matto Grosso, o Dr. Meyer, recommendou..."

"Delles me fez presente o tenente Perrot, que alli fora mandado..."

Assim, pelas próprias informações da autora, grande foi a amizade entre a mesma e o membros da Comissão Alemã, em especial o tenente Perrot. Muitas informações etnográficas trocadas, pesquisas relatadas, objetos e artefatos indígenas mostrados e reciprocamente presenteados. Sem dúvida, tudo isso proporcionou à Maria do Carmo, toda a gama de conhecimento específico, que a animou, tempos depois, a publicar os trabalhos indigenistas a respeito de tribos mato-grossenses.

Sua atração pelos estudos indígenas, levou-a a adotar um indiozinho, que levou para o Rio de Janeiro e sobre o qual escreveu um interessante e comovente trabalho, Guido, onde conta o seu amor pelo menino e o seu sofrimento por ocasião de sua morte prematura.

Em seu tempo de Mato Grosso surgiu a aproximação com Perrot. As visitas, as trocas de informações, os artefatos indígenas com que era presenteadas, intensificaram essa amizade. Certamente, tendo tomado conhecimento e lido o relatório da viagem que o tenente Perrot fizera ao seu marido, Cel Rafael do Mello Rego, a primeira dama logo detectou a importância de sua publicação. Instado certamente pela esposa, o Presidente da Província determinou a edição do trabalho de Perrot com o título *Roteiro e Notícia da Expedição Alemã em 1887 às Cabeceiras do Xingu*. Sem comprovação histórica através registros documentais, inferimos que a Presidência da Província deva ter pago ao jornal **A Situação** para a impressão do referido trabalho.

Os fatos, os indícios, o relatado pela própria senhora, tudo leva a crer que o governo provincial de Mato Grosso realmente deva ter arcado com a publicação, em Cuiabá, do primeiro livro nessa cidade editado e com temática exclusivamente mato-grossense. Provavelmente o tenente Perrot não teria as condições financeiras para arcar com a edição. A interferência da então primeira dama, Senhora Maria do Carmo de Mello Rego, é bem óbvia. A ela, unicamente, os louros dessa primeira e importante edição cuiabana. Mais esse mérito para a jovem primeira dama que, tendo

passado tão pouco tempo em Mato Grosso, conseguiu deixar o seu nome inscrito indelevelmente nos registros culturais desta terra. A primeira mulher etnóloga do Brasil.

"ROTEIRO E NOTÍCIA DA EXPEDIÇÃO ALEMÃ..."

Tal trabalho do tenente Perrot, é um relatório de sua viagem, acompanhando a expedição científica alemã, chefiada pelo Dr. Karl von den Steinen.

A expedição deixou Cuiabá em 28 de julho de 1887, partindo rumo dos rios Manso e Casca. Com tropa cavalari e muar, passaram pela localidade de Marzagão, hoje inexistente, da qual, nos dá interessante memória:

Marzagão, hoje completamente abandonado, era nos tempos idos uma fazenda de 1ª ordem, com grandes e espaçosas casas, capelas, etc, que os índios Coroados destruíram, e cuja grandeza ainda atestam os esteios e altas paredes que até hoje ostentam sua passada opulências ...

Desse antigo lugar alcançam as cabeceiras do rio Cuiabá, no local denominado até hoje Cuiabá-da-Larga. A partir desse ponto, a expedição segue pelos cerrados até o rio Culiseu, pelo qual descem embarcados em canoas de casca de jatobá construídas pelos índios Bakairis. Percorrem a extensão de vários rios que desembocam no Xingu, como o Culueñe, Ronuro e Batovi. Exploram as cabeceiras e formadores do Xingu. Contatam com várias tribos indígenas da região, como os Bakairis, Trumais, Camaiurás, Mehinakus, Suiás, Waurás e outros. Nessas tribos a expedição é bem recebida, presenteando os índios com ferramentas e instrumentos de trabalho e obtendo uma quantidade enorme de artefatos indígenas, os quais, seguiram posteriormente para a Europa. O autor descreve com muita riqueza de detalhes alguns usos, costumes e tradições dos índios que visitou, mostrando o interesse dos mesmos para com os brancos e o precioso auxílio que prestaram aos cientistas alemães no correr da viagem.

Anotou todos os companheiros de viagem, do chefe da expedição, passando pelos mais simples cabos do exército que o

acompanharam, até os índios que iam se incorporando à mesma nas tribos que iam visitando. As febres, a fome, o cansaço e outras agruras e aborrecimentos que esses homens passaram em pleno sertão, foram objetos da atenção e anotação do jovem tenente.

Perrot nos descreve como muita leveza, os rios, as baías, as matas, os cerrados, os morros por onde esteve. A caça e a pesca diária para sobrevivência da expedição. O uso da pelota de couro inflado, para realizar a travessia dos rios que não davam vau. Calculou que pela região em que expedicionou, haviam cerca de 2.000 índios, de várias tribos, em muitas aldeias. Muito interessante foi a sua descrição de uma onça pintada que, de noite, sentara-se sobre a sua perna, e ele a espantara de lá com um pontapé.. Digna de nota também a sua descrição de pequena incursão, de cerca de 10 dias, em que estivera perdido pelos cerrados da região.

Descreve muitos dos artefatos indígenas que viu, suas cores, suas funções e usos. Sobre a coleta desses artefatos para museus europeus, Perrot assim se manifesta:

... a rica coleção antropológica destinada a figurar no museu do estrangeiro, o que seja aqui consignado, pôs-me bastante pesaroso, considerando, considerando quão fácil me teria sido também colecionar, se pelas autoridades me fossem proporcionados os meios, em falta dos quais, só mês restava lamentar a perda de uma ocasião tão propícia de enriquecer o Museu Nacional.

O seu retorno a Cuiabá deu-se a 31 de dezembro de 1887, depois de 5 meses de internamento pelos sertões e rios da região do Alto Xingu.

Perrot, com esse relato preciso e substancial, pode nos dar a exata dimensão da expedição de von den Steinen e seus precípuos objetivos. Conseguiu transformar o que seria um mero e insípido relatório administrativo, numa breve, atraente e encantadora memória de viagem, que a sua excepcional veia literária soube muito bem captar e transformar, com os préstimos do governo provincial, no primeiro livro editado em Cuiabá. Menos de um ano de seu retorno, o seu *Roteiro e Notícia da expedição da Comissão Alemã às cabeceiras do Xingu*, foi dado a prelo.

A Luís Perrot, o tenente alemão, o mérito de sua autoria.